Das Expectativas de Mercado e Indicadores Econômicos

1 - Conjuntura Internacional

a) Estados Unidos:

Das Expectativas de Mercado e Indicadores Econômicos

1 - Conjuntura Internacional

a) Estados Unidos:

O mercado de trabalho norte americano voltou a expandir em ritmo forte no mês de maio, sendo criadas 272 mil vagas fora do setor agrícola, segundo informou o Departamento de Trabalho dos EUA. O resultado superou as expectativas dos analistas, que giravam em torno de uma criação de empregos não superior a 185 mil vagas. Os principais ganhos de emprego no encerramento do último mês foram observados nos setores de saúde (68 mil), governo (43 mil), lazer e hospitalidade (42 mil), serviços técnicos, profissionais e científicos (32 mil) e assistência social (15 mil). Em maio, também houve revisão dos dados referentes aos meses de março (recuou de 315 para 310 mil) e abril (recuo de 175 para 165 mil), movimentos que somados corresponderam a uma perda líquida de empregos correspondente a 15 mil vagas no período. Por sua vez, a taxa de desemprego registrou leve alta na comparação com abril, subindo de 3,9% para 4%, correspondendo a um total de 6,6 milhões de pessoas desempregadas. No mesmo período de 2023, a taxa era de 3,7% e a quantidade de pessoas desocupadas havia ficado em 6,1 milhões. Já os salários seguiram a trajetória de alta verificada ao longo dos últimos meses, subindo 0,4% em termos mensais e 4,1% na base de comparação anual. Em síntese, o bom desempenho do mercado de trabalho no mês de maio voltou a esfriar as expectativas acerca do inicio do ciclo queda dos juros, com boa parte das previsões passando a indicar possíveis cortes apenas a partir do mês novembro. O comportamento da taxa de inflação também corrobora o pessimismo do mercado quanto aos juros. A última taxa divulgada referente ao mês de abril indicou relativa estabilidade do indicador (de 3,5% para 3,4% na comparação com março), com o índice oficial de preços do país seguindo distante da meta de 2% estipulada pelo FED. Com efeito, todas as previsões para reunião de junho do Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) indicam nova manutenção dos juros no intervalo entre 5,25% e 5,5% ao ano.



b) <u>Zona do Euro e China</u>:

A inflação da Zona do Euro registrou alta em maio, com o índice de preços ao consumidor (CPI) subindo de 2,4% para 2,6% no acumulado dos últimos doze meses, segundo informou preliminarmente a agência estatística europeia – EUROSTAT. Além disso, o comportamento dos preços subjacentes, que compõem o chamado núcleo da inflação e que tem como principal característica a volatilidade de itens como energia, alimentos, álcool e tabaco, também voltou a acelerar, passando de 2,7% para 2,9% no intervalo dos últimos dois meses. Apesar da alta de maio as projeções para 2024 e 2025 indicam um maior otimismo com relação à convergência para meta de 2% ao ano. De acordo com as últimas projeções do Banco Central Europeu (BCE) a inflação da Zona do Euro deve fechar 2024 em torno de 2,5%, caindo em 2025 para 2,1%. Tal perspectiva foi fundamental na decisão da autoridade monetária

de promover o primeiro corte dos juros desde março de 2016. No começo de junho, o BCE reduziu os juros em 0,25 ponto percentual, com as taxas de refinanciamento, empréstimo e depósito caindo respectivamente para 4,25%, 4,5% e 3.75% ao ano.
Em maio, o PMI oficial da indústria chinesa voltou a ficar abaixo da linha que divide retração de crescimento econômico (50 pontos), com o indicador recuando de 50,4 para 49,5 pontos. Por outro lado, o PMI calculado pela Caixin, voltado às pequenas e médias indústrias do país, atingiu sua maior marca desde julho de 2022, subindo de 51,4 para 51,7 pontos na comparação com abril. Neste segmento, houve expansão tanto pelo lado da oferta como pela demanda, com o total de novos pedidos registrando mês consecutivo de crescimento. No mesmo sentido, os novos pedidos para exportação também evoluíram positivamente em maio, contudo, em um ritmo mais lento frente aos meses anteriores. A Pesquisa da Caixin ainda mostrou um setor de serviços em crescimento, avançando pelo 17° mês consecutivo e no ritmo mais rápido desde julho de 2023, passando de 52,5 para 54 pontos em maio.

2 – Cenário Doméstico

a) PIB e Crescimento Econômico:

Em maio, o Bacen divulgou o índice de atividade econômica (IBC-Br) relativo a março, que após quatro sucessivas altas recuou em sua última medição, caindo 0,34% e fechando a série em 147,96 pontos na série dessazonalizada. O desempenho mensal ficou aquém das expectativas de mercado, cuja mediana indicava uma retração de 0,25%. Ainda em termos dessazonalizados, houve crescimento na comparação com o trimestre imediatamente anterior, com o indicador avançando 1,08%. Já em relação ao mesmo trimestre do ano passado, a taxa de crescimento foi levemente inferior, sendo registrado um crescimento de 1,04%. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o IBC-Br teve recuo de 2,18%, enquanto no acumulado em 12 meses passou a um avanço de 1,68%. Em março, o destaque ficou com a indústria, que fechou o primeiro trimestre com alta de 0,9%, seguido pelo setor de serviços que expandiu 0,4%. O afrouxamento da Selic acompanhado do respectivo aumento do crédito impulsionou a economia pelo lado da demanda, com o crescimento trimestral do IBC-Br sendo refletido nas projeções de PIB para 2024. Após iniciar o ano com uma previsão de crescimento próxima a 1,5%, as últimas Pesquisas Focus tem indicado um crescimento levemente superior a 2% para o corrente exercício, mantendo semelhante estimativa para 2025.



b) Balança Comercial:

A balança comercial brasileira voltou a registrar superávit em abril, com as exportações superando as importações em US$ 8,534 bilhões, segundo informou o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Este foi o terceiro melhor resultado para um mês de maio em toda série histórica, perdendo apenas para o recorde de maio de 2023 (US$ 10,978 bilhões) e ficando levemente abaixo do saldo de 2021 (US$ 8,536 bilhões). Pelo critério da média diária, as exportações caíram 7,1% na comparação com maio de 2023, totalizando US$ 30,338 bilhões. Já as importações, também pelo critério da média diária, cresceram 0,5% fechando o período no montante de US$ 21,804 bilhões. No geral, observa-se que a redução do saldo na comparação com o ano anterior se deu principalmente em função da queda nas exportações, uma vez que as importações permaneceram praticamente estáveis em relação a 2023. Em maio, foi registrada queda nos preços internacionais da soja, do minério de ferro e das carnes, três dos principais produtos que integram a pauta de exportação do país. No período houve aumento nas vendas de café, algodão e petróleo bruto, contudo, em ritmo insuficiente para compensar a diminuição dos demais produtos. Desde o ápice da guerra entre Rússia e Ucrânia os preços internacionais das commodities seguem em declínio, com exceção do minério de ferro, cuja

cotação tem oscilado em virtude de estímulos econômicos da China. Enquanto o volume de mercadorias embarcadas para o exterior recuou 1,9% frente a maio do ano passado, os preços caíram, em média, 5,1% na mesma base de comparação. No acumulado do ano o saldo da balança comercial também segue positivo, sendo registrado um superávit de US$ 35,877 bilhões, resultado 3,9% superior aos primeiros cinco meses do ano anterior. No que se refere às previsões para 2024, o quadro é de estabilidade no conjunto das últimas Pesquisas Focus sendo mantida uma projeção de superávit próxima a US$ 82 bilhões.

c) Inflação:

O IPCA, índice oficial da inflação brasileira, voltou a acelerar em maio, variando 0,46% frente à alta de 0,38% ocorrida em abril, segundo informou o IBGE. No ano e no agregado dos últimos 12 meses, o IPCA acumula respectivas altas de 2,27% e de 3,93%.

ÍNDICE	VARIAÇÃO %		
	MÊS	2024	12M
IPCA	+0,46	+2,27	+3,93
INPC	+0,46	+2,42	+3,34

FONTE: IBGE

Dos 09 grupos de produtos e serviços pesquisados 08 registraram altas, com destaque para os grupos Saúde e Cuidados Pessoais (0,69%), Alimentação e Bebidas (0,63%) e Habitação (0,67%), que juntos contribuíram com 0,23 ponto percentual no indicador de maio, ou seja, aproximadamente 70% da variação total do IPCA no período. No grupo Saúde e Cuidados Pessoais, os principais destaques foram os planos de saúde e os produtos de higiene que subiram, em média, 0,77% e 1,04% respectivamente. De parte do grupo Alimentação e Bebidas o impacto das cheias que assolaram o Estado do Rio Grande do Sul já passou a ser percebido, com vários itens que compõem a rotina alimentar dos brasileiros tendo seus preços elevados em maio, em especial a batata inglesa, que subiu, em média, 20,61%. A título de exemplo cita-se que o peso regional da capital Porto Alegre na inflação brasileira passou para 8,61%, ficando atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Já a alta do grupo Habitação foi puxada principalmente pela alta dos preços médios da energia residencial (0,94%), uma vez que a ANEEL concedeu diversos reajustes tarifário no período, como foram os casos das capitais Salvador, Belo Horizonte, Campo Grande e Recife. Para o restante do ano, as Pesquisas Focus passaram a indicar elevação do IPCA, com a inflação projetada variando passando de 3,7% para 3,9% no intervalo das últimas quatro semanas.

d) Fluxo Cambial:

O fluxo cambial do país fechou maio no vermelho, sendo registrado um déficit de US$ 429 milhões, segundo a prévia disponibilizada pelo BACEN. O saldo negativo foi puxado pela conta financeira, que reúne os investimentos estrangeiros diretos e em carteira, bem como as remessas de lucros e pagamentos de juros e dividendos ao exterior. Este segmento encerrou o mês com uma saída líquida de recursos da ordem US$ 6,526 bilhões. Assim como nos demais meses de 2024, os investidores estrangeiros voltaram a sacar mais do que aportar recursos na bolsa brasileira, perfazendo uma retirada de R$ 1,634 bilhão, o que também corroborou a má performance cambial observada em maio. Com efeito, o dólar comercial subiu 1,08% no mês, encerrando o período cotado a R$ 5,25. Por sua vez, a conta comercial, que envolve as operações de câmbio relacionadas às importações e exportações, anotou um superávit de US$ 6,098 bilhões. Registra-se que nas exportações estão incluídos US$ 2,897 bilhões em Adiantamento de Contratos de Câmbio (ACC), US$ 6,623 bilhões em Pagamento Antecipado (PA) e US$ 17,040 bilhões em outras entradas. No ano o fluxo cambial segue positivo, acumulando um saldo de US$ 6,120 bilhões, resultado de US$ 40,760 bilhões de compras e US$ 47,286 de vendas.

e) Taxa Selic:

Após o Comitê de Política Monetária (COPOM) ter reduzido o ritmo de corte da Selic na última reunião realizada em maio, passando de 0,5 para 0,25 ponto percentual, o mercado passou a rever fortemente suas projeções de juros para 2024. Atualmente em 10,5% ao ano, a taxa Selic chegou a ser estimada

próxima a 9,5% no começo de abril, contudo, no intervalo das últimas quatro semanas, a Pesquisa Focus elevou a previsão para 10,25% ao ano, ou seja, sendo cogitado apenas mais um único corte de 0,25 ponto percentual até o final do corrente exercício. A continuidade das incertezas externas, sobretudo dos juros norte americanos, e as recentes projeções de aceleração do IPCA, aumentaram o pessimismo do mercado, cuja posição majoritária indica manutenção da Selic na próxima reunião do COPOM agendada para os dias 18 e 19 de junho. No que tange às previsões do IPCA, a tragédia ocorrida no Rio Grande do Sul impacta duplamente tais estimativas. Além da crise de oferta dos alimentos e consequente pressão sobre seus preços, o socorro financeiro da União ao Estado agrava a situação fiscal, cujo novo arcabouço já vinha sendo observado com desconfiança pelo mercado. O fato da última deliberação do colegiado não ter ocorrido de maneira unânime, também contribui com as incertezas acerca da trajetória da Selic a partir de junho.

f) Renda Variável:

Repetindo o movimento observado ao longo dos últimos meses o segmento de renda variável voltou a amargar prejuízo no mês de maio. Impulsionado pelo pessimismo do mercado acerca das variáveis de longo prazo o Índice Ibovespa, principal indicador do mercado acionário brasileiro, fechou o último mês com variação negativa de 3,04%, acumulando perda de 9,01% em 2024. De um modo geral os investidores estrangeiro mantiveram um comportamento de maior aversão ao risco, promovendo retiradas líquidas da Bovespa em meio às incertezas dos juros norte americanos, das expectativas de Selic e IPCA mais altos em 2024, e de um cenário fiscal ainda mais comprometido a partir dos desembolsos financeiros da União direcionados à crise climática do Rio Grande do Sul. Soma-se a isso a continuidade do ritmo morno da economia chinesa, cuja procura por minério de ferro segue incapaz de fomentar melhores cotações de preços da commoditie. Outro ponto que pesou na desvalorização de maio se refere ao desempenho da Petrobrás, um dos papéis com maior peso na composição do Índice Ibovespa. A demissão do ex-presidente da estatal acendeu o alerta do investidor, com o receio de intervenções governamentais na gestão da empresa corroborando a desvalorização de suas ações no decorrer de maio. No mês, os maiores ganhos mensais ficaram por conta das ações da CBA (CBAV3; 40,81%), Desktop (DESK3; 25,69%), Enjoei (ENJU3; 24,77%), Espaço Laser (ESPA3; 24,73%) e Oncoclínicas (ONCO3; 24,32%). Pelo lado das quedas, os destaques negativos foram Viveo (VVEO3; -43,71%), Inepar (INEP3; -40,49%) (INEP4; -36,44%), Infracommerce (IFCM3; -33,78%) e AgroGalaxy (-28,24%).

"...ao longo dos últimos meses o segmento de renda variável voltou a amargar prejuízo,..."

g) Renda Fixa:

Após registrar quatro meses consecutivos de prejuízos, os subíndices atrelados às carteiras de maior prazo voltaram a performar no campo positivo em maio. Com efeito, todos os subíndices IMA encerram o último mês no azul, com o IMA-Geral, indicador que expressa a rentabilidade dos títulos marcado a mercado como um todo, fechando o período com respectivas valorizações mensal e anual de 0,95% e 2,37%. O caso mais emblemático referente à recuperação dos ativos de maior prazo diz respeito ao subíndice IMA-B5+, que reflete as NTN-Bs com prazos superiores a cinco anos. Esse indicador registrou a maior valorização mensal de maio, avançando 1,58%, contudo, ainda mantendo prejuízo no acumulado do ano (-2,85%). Apesar da melhora observada nas carteiras de longo prazo, o mercado segue com certo ceticismo acerca da continuidade deste movimento de recuperação. Para muitos analistas, os números de maio se devem mais a ajustes técnicos do que à uma evolução positiva das variáveis macroeconômicas. A título de exemplo, cita-se que a curva de inflação implícita, a qual considera os títulos pré-fixados, apresentou elevação em todos os prazos no fechamento de maio. No mesmo sentido, conforme já referido nesse relatório, as projeções da Selic passaram a indicar apenas mais um único corte de 0,25 ponto percentual até o final do exercício, com a taxa se mantendo acima

dos 10% ao ano. De parte dos subíndices atrelados aos ativos de menor prazo, o maior rendimento mensal ficou com o IMA-B5 (1,05%), subíndice atrelado às NTN-Bs com prazos não superiores a cinco anos, enquanto o maior retorno no ano seguiu com IMA-S (4,48%), indicador de curtíssimo prazo indexado à variação diária da Selic.

Nome	Retorno		Nome	Retorno	
	Maio 2024	no ano		Maio 2024	no ano
Prefixados			*Formado por TP indexado ao IPCA*		
IRF-M	0,66%	1,81%	IMA-B	1,33%	-0,13%
IRF-M 1	0,78%	3,85%	IMA-B 5	1,05%	2,92%
IRF-M 1+	0,60%	0,94%	IMA-B 5+	1,59%	-2,85%
Formado por Títulos da Dívida Pública			*DI*		
IMA Geral	0,95%	2,37%	CDI	0,83%	4,40%
Duração Constante					
IDkA IPCA 2 Anos	1,07%	3,03%			

Referência Gestão e Risco